

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

FABRICIA GIASSI FURLANETTO

DIFERENTES METODOLOGIAS PARA SE APRENDER A MÚSICA NA ESCOLA

CRICIÚMA, 2013

FABRICIA GIASSI FURLANETTO

DIFERENTES METODOLOGIAS PARA SE APRENDER A MÚSICA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Ma. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA, 2013

FABRICIA GIASSI FURLANETTO

DIFERENTES METODOLOGIAS PARA SE APRENDER A MÚSICA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Édina Regina Baumer - Mestre - UNESC - Orientadora

Prof^a Odete Angelina Calderan – Mestre – UFSM

Prof. Thiago Della Giustina Dacoregio – Especialista - UNESC

A Deus por me dar forças pra continuar nesta caminhada em busca da graduação.

À Família pelo apoio e incentivo de sempre.

AGRADECIMENTOS

Como o princípio de tudo é Deus, agradeço primeiramente a ele, pela oportunidade de estar fazendo uma graduação pela determinação em conseguir chegar até aqui, pela proteção e amparo em todas as idas e vindas até Criciúma – SC. Agradeço em especial a compreensão da minha família pela minha ausência durante esta etapa de estudos, em especial aos meus pais Valdir Furlanetto e Verônica Giassi Furlanetto que sempre estiveram ao meu lado em todas as minhas decisões, me apoiando e me incentivando a não desistir desse sonho, foram eles que juntos vibravam comigo cada etapa vencida. Agradeço aos meus irmãos Patrícia e Mauricio que de uma maneira ou outra contribuíram para a realização deste sonho. Agradeço ainda a todos meus familiares que torcem por mim.

Ao meu amigo, companheiro e namorado Older meu muito obrigado por sempre estar disposto a me ajudar. Pelas inúmeras vezes que deixou seus afazeres de lado para me levar até a UNESC, pelo incentivo, apoio e por entender meus momentos de ausência.

Agradeço também a todos meus colegas, em especial a Débora que se tornou a minha amiga de todas as horas que me apoiou e me acompanhou sempre dividindo os momentos bons e também os ruins durante todas as noites.

Às amigadas conquistadas neste percurso de quatro anos, Eduarda e Fernanda minhas irmãs do coração. Agradeço ainda aos novos amigos que fiz, ao pessoal do ônibus, meus companheiros de todas as noites, que de uma forma ou de outra compartilhávamos o mesmo objetivo: o de concluir o ensino superior. A mestre e orientadora, Édina Regina Baumer, por ter aceitado me auxiliar nessa caminhada, sempre compreensiva e muita carinhosa. Agradeço ainda a todos os professores que me oportunizaram novos conhecimentos durante esta caminhada acadêmica.

Obrigada a todos que de uma forma ou de outra colaboraram durante esta caminhada, enfim, são muitos os agradecimentos, seria quase impossível citar em palavras toda a minha gratidão.

**“Ainda que cada nota tenha seu tom,
somente juntas fazem uma música.”**

(Autor Desconhecido)

RESUMO

O presente trabalho contempla questões de uma das linguagens da arte, a Música. A pesquisa traz algumas experiências com as metodologias de ensino da música nas salas de aula da educação básica. Teve como objetivo investigar algumas metodologias já desenvolvidas reunindo assim várias possibilidades de atender as determinações da Lei n. 11.769/2008, incorporada na LDB n. 9.394/96. A pesquisa bibliográfica buscou responder ao problema: quais as metodologias já desenvolvidas para se aprender a música em sala de aula? O referencial teórico trouxe os documentos norteadores da educação brasileira, tais como OCEM e PCN além da legislação específica sobre o tema como a LDB n. 9.394/96 e a Lei 11.768/2008. Também apresenta os pensamentos e estudos de Baumer (2009), Britto (2011), Pilotto (2008), Queiroz (2000), Cunha (2009), Ferreira (2007), Corrêa, (2004) entre outros autores para fundamentar os relatos selecionados nos sites envolvidos na pesquisa. Como resultado, foi possível perceber que há diversas formas de ensinar a música na sala de aula, ou seja, com diferentes metodologias. Essa troca de experiências e a diversidade de metodologias podem oportunizar aos professores de arte, a ampliação de seu conhecimento nessa área. Foi possível concluir que, aprender a linguagem da música de diversas formas contribui no desenvolvimento do aluno logo, faz-se necessário que os professores de Arte busquem a partir da experimentação e a reflexão crítica em diferentes metodologias do ensino dos conteúdos de música.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Música. Metodologias.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A LEI 11.769/2008	13
3 MÚSICA: UMA LINGUAGEM DA ARTE	15
4 O ENSINO DA ARTE.....	18
5 EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO DA MÚSICA NA ESCOLA.....	22
6 PROPOSTA DE CURSO	31
7 CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

A partir da nova legislação sobre o ensino da arte (Lei n. 11.769/2008) que diz respeito à obrigatoriedade da música na escola pretendo neste trabalho de conclusão de curso investigar – através de experiências publicadas – o seguinte problema: quais as metodologias já desenvolvidas para se aprender a música em sala de aula? Esse assunto me interessou a partir das nossas aulas de Linguagem Musical e Educação na 5ª fase do Curso de Artes Visuais da UNESC, onde discutíamos sobre música e a importância de se ensinar essa linguagem da arte nas escolas; nesse contexto eu já tinha muita curiosidade em saber quais seriam as metodologias desenvolvidas, já que para ensinar música precisamos rever muitas vezes o conceito pelo qual iremos nos apropriar.

Desde pequena sempre gostei muito de música, porém não sabia da extrema importância dela ao ser ensinada nas escolas básicas. Meu gosto pela musical aumentou no final de 2011 quando comecei a trabalhar como recepcionista em uma rádio da minha cidade e ali passava os dias ouvindo as músicas da programação.

A música sempre esteve inserida no cotidiano das pessoas. E como uma futura professora de Arte, pretendo me envolver, com todas as linguagens artísticas incluindo também o conteúdo de música.

Segundo a lei da obrigatoriedade da música e também de acordo com os documentos norteadores da educação brasileira, a música é um conteúdo necessário e relevante para seu ensino em sala de aula. Por isso, neste trabalho trago questões como: quais as metodologias já desenvolvidas pelos professores de artes para se ensinar a música nas escolas? Os professores de artes das escolas já estão trabalhando conteúdos de música? Existem publicações em sites, livros e artigos que falam sobre os diferentes tipos de metodologias que podem ser ensinadas?

O objetivo se define para pesquisar sobre as metodologias já desenvolvidas ao ensinar a música na sala de aula reunindo assim várias possibilidades de atender as determinações da Lei n. 11.769/2008, já incorporada na LDB n. 9.394/96.

Ressalto ainda a opção pela pesquisa bibliográfica, pois com ela pode-se obter resultados mais amplos do que na pesquisa de campo, em âmbito local. A música na escola é um assunto recente – desde 2008 – e considero importante organizarmos material teórico que possa servir de referência para novos pesquisadores e professores de arte.

Assim, o texto se divide em capítulos iniciando por uma parte que trata da *Lei 11.769/2008*, onde apresento seus pontos mais importantes tanto no documento da LDB n. 9.394/96, quanto nos projetos que antecederam sua aprovação, fundamentando-os com reflexões de Baumer (2009) e Aguiar (2008). A seguir trago a fala sobre *Música: uma linguagem da arte*, a partir do PCN (1998) e dos autores Garcia (2000), Ferreira (2007), Ferreira (2001), Cunha (2009), Queiroz (2000) e Britto (2011).

No capítulo quatro, trago comentários dos autores Ferreira (2004), Corrêa (2004), Brasil (2001), Queiroz (2000), Fusari e Ferraz (2010), Barbosa (1999), PCN (1997), Pillotto (2008), Santa Catarina (1998) e Oliveira (2008), para dialogar com a escrita sobre *O ensino da Arte*. Em seguida trago dados obtidos com a pesquisa em sites específicos sobre ensino de arte, reunindo-os – sob o título *Experiências com o ensino da música na escola* – relatos do desenvolvimento de diferentes metodologias para o ensino da música.

A análise desses dados se dá por meio do estudo dos autores Entler (2000), Chiqueto e Araldi (2008), Ferreira (2001), Zanelatto (2009), Mantoan (2006), Martins, Picosque e Guerra (1998), Ferraz e Fusari (2009), Schmidt (2007) e os documentos OCEM (2006) e PCN (1998).

Por fim, após identificar as experiências desenvolvidas em sala de aula sobre a metodologia da música elaboro uma proposta de curso e finalizo este Trabalho de Conclusão de Curso.

2 A LEI 11.769/2008

Nos últimos anos a LDB sofreu algumas alterações, entre elas o acréscimo trazido pela Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, que torna a música como conteúdo obrigatório nas aulas de arte.

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010) § 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.769, de 2008).

O projeto de lei só teve um artigo vetado, o que exigia professor com formação específica na área, ou seja, para lecionar a disciplina não precisa ser necessariamente um professor graduado em música. Segundo Baumer (2009, p. 53), “essa lei torna obrigatório o ensino da música na educação básica sem exigir que o professor tenha habilitação em música, o que nos leva a supor que será o professor de arte quem levará para a escola esta linguagem artística.”

Podemos dizer que essa determinação tenha surgido pela força de vontade e incentivo de muitos que conseguiram a Senadora Roseana Sarney para representá-los. Tinham como intuito modificar a Lei de Diretrizes de Bases da Educação n. 9.394/96 que previa, sem especificar mais profundamente, o ensino da arte.

Em primeiro lugar, cabe-nos registrar que esta proposição nasceu das necessidades, das carências sociais, do debate público e democrático promovido pela sociedade civil organizada, que encontrou sua voz por meio da Senadora Roseana Sarney, entre outros parlamentares e atores sociais que acolheram com entusiasmo a matéria. Esta iniciativa é, na verdade, dos educadores, músicos, artistas, estudantes, pais, sindicatos, professores e cidadãos em geral [...].(AGUIAR, 2008, p. 2).

Essa nova legislação sobre o ensino da arte – Lei 11.769/2008 que diz respeito sobre a obrigatoriedade da música na escola mudou o rumo do ensino de muitas instituições, mudança essa favorável aos alunos de todo o nosso Brasil. A música desperta o interesse no aprender.

Hoje, em todas as escolas já é obrigatório o ensino da música nas aulas de arte e é através desse ensino que podemos perceber a importância que tem a música para a formação das crianças, jovens e adultos. A música faz parte da(s) cultura(s) e é uma das linguagens da arte.

Segundo Aguiar no Projeto de lei (2008, p. 3): “É necessário cultivar o valor da arte e da música, em geral, como elemento fundamental na formação dos alunos, para além dos interesses pragmáticos imediatos de sucesso no vestibular ou de integração ao mercado de trabalho”. Através dessa lei soubemos que a música é sim um conteúdo obrigatório, mas não exclusivo na aula de arte, sendo assim através disso busco saber quais suas metodologias mais usadas para esse ensinamento.

3 MÚSICA: UMA LINGUAGEM DA ARTE

A música como as outras linguagens da arte sempre esteve inserida no nosso cotidiano desde a pré-história até os dias atuais. Seja no cantar dos pássaros, em batuques, nos instrumentos musicais e pelo nosso próprio corpo entre outras maneiras de se produzir sons.

Assim como qualquer outra área do conhecimento, a música é de extrema importância na educação. Sendo que, ela pode ser trabalhada em diversas disciplinas que a instituição oferece.

Por isso, para se trabalhar a linguagem musical, não se faz necessário ser um professor licenciado na área. Segundo Garcia (2000, p. 20) “muitos professores e professoras, ao pensarem que só pode trabalhar com a linguagem musical quem sabe música, deixam de experimentar e criar sons.”

Como também é um meio de comunicação, através dela podemos nos comunicar em longa distância bem como muito próximos um dos outros. Ela pode nos fazer rir, nos fazer chorar, tudo isso dependerá do momento e da ocasião.

Nessa direção, é preciso que também o professor como ouvinte e educador tenha um maior conhecimento sobre o que poderá ser trabalhado.

Valerá muito ao professor utilizar a música em suas aulas, mas é preciso dedicar-se ao seu estudo, procurando compreendê-la em sua amplitude, desenvolvendo o prazeroso trabalho de sempre escutar os mais variados sons em suas combinatórias infinitas, com “ouvidos atentos”, e também ler o que for possível a respeito. (FERREIRA, 2007, p.13).

Música é arte e seus conteúdos devem fazer parte da aula de arte na escola. Sendo assim, esse ensino oportuniza várias experiências. Ferreira (2001, p. 88) fala que: “o ensino musical deve oferecer aos estudantes a oportunidade de experimentar diversas manifestações de inúmeras culturas, diferentes repertórios”.

Ao propor essa linguagem no aprendizado aos alunos não significa que o aluno deve gostar de um determinado tipo de música ou desgostar o que gostava, não quer dizer também que para se aprender a linguagem musical devemos, obrigatoriamente, saber tocar instrumentos ou conhecer ritmos pré-determinados; podemos aprender música criando e explorando novos sons.

Para Ferreira (2001, p. 82):

Talento musical não é exclusividade de poucos felizardos, ele pode ser provocado, desenvolvido e educado. Cabe ao professor vivenciar com o aluno a música de forma lúdica e criativa, pesquisando com os alunos formas de criar sons, através de sucatas, materiais alternativos que sejam de fácil acesso aos educandos, para que as crianças absorvam conhecimentos específicos na música.

O professor tem papel fundamental na educação de seus alunos, é ele quem faz despertar o interesse no aprender o 'novo', o lúdico. Sobre isso Ferreira (2001, p. 81) diz que, o professor, “pode com os alunos explorar os ruídos do cotidiano, da natureza e dos nossos corpos e há um mundo riquíssimo que pode ser descoberto e explorado nas aulas de artes”. A música como arte na sala de aula é de extrema importância no desenvolvimento do aprendizado, através dela o aluno aprende brincando.

Ferreira ainda afirma (2001, p. 84) que:

[...] a música na escola desempenha vários e importantes papéis, ela é bastante utilizada, por exemplo, nos preparativos para festas quando passa a ter papel de destaque, no cotidiano das crianças de pré-escola e séries iniciais usam-se “musiquinhas” de comando para reforçar hábitos e atitudes (lavar as mãos, hora do lanche, entrada e saída) para que o professor tenha um maior domínio da classe.

Assim, vemos que todo professor é capaz de trabalhar com a música na escola, mas nem todas maneiras promovem o reconhecimento dessa linguagem como uma produção de arte. Para Cunha (2009, p. 69) “o professor deve acreditar que é capaz de fazer música com seus alunos, e vivenciar a linguagem da música como um meio de comunicação, que somos um equipamento audiovisual que estamos o tempo todo nos comunicando”.

São várias as formas de ensinar a música na sala de aula: através da percepção do som de vozes na rua, do vento nas árvores, do folhear de um livro, de uma porta se abrindo ou até mesmo dos sons de um instrumento.

Quando ouvimos uma música logo percebemos a presença de um som em nosso meio já que, segundo Queiroz (2000, p. 29): “Ouvir é captar fisicamente a presença do som (ruído)”. Mas ao invés de ouvirmos algo, por que não escutar? Escutando estaremos estabelecendo relações com algo. “Escutar é colocar a atenção, volitiva ou reativamente, sobre o que se está ouvindo. Escutar é estabelecer relação com o som ou a música, o que é muito diferente de apenas captar a vibração sonora, isto é, ouvir.” (QUEIROZ, 2000, p. 29)

Queiroz (2000, p. 39), ressalta ainda a importância de escutar melhor nesse mundo cheio de músicas:

[...] ao se dispor a escutar música com sua atenção dirigida para a música, estará não só sintonizando os conteúdos transmitidos pela música, mas também aprimorando a própria atenção que, assim, será capaz de perceber as nuances de sua própria interioridade, que quase sempre escapam à percepção consciente mas que, não obstante, comandam a totalidade das reações humanas.

São simples exercícios de ouvir que tomam enorme importância assim como as experimentações ao tocar instrumentos tradicionais e alternativos, que podem ser até mesmo produzidos pelos alunos. Essas ações acabam tornando a aula especial e dinâmica.

Processos de educação musical que tenham como objetivo a formação integral do ser humano só podem acontecer em contextos que respeitem e estimulem os alunos a explorar, experimentar, sentir, pensar, questionar, criar, discutir, argumentar... Propostas que propiciem o desenvolvimento da autodisciplina e da capacidade de refletir, de questionar, de criticar, dentre outros aspectos, tornam-se, então, aspectos fundamentais em tal proposta, promovendo situações para o exercício da comunicação e do relacionamento humano, estimulando o debate e a conscientização de aspectos relativos à música e ao humano. (BRITO, 2011, p. 3).

O professor deve ter propostas suficientes para instigar os alunos a terem vontade de pesquisar, de aprender e de se comunicar. Uma dessas propostas deve contemplar o acesso ao conhecimento sobre produtores de música, como orientam os PCN (1998, p. 79):

Estabelecendo relações com grupos musicais da localidade e da região, procurando participar em eventos musicais da cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, a escola pode oferecer possibilidades de desenvolvimento estético e musical por meio de apreciações artísticas. Várias manifestações musicais, tais como os movimentos que têm vigorosa mistura entre som internacional e os ritmos locais permitem sentir e refletir sobre suas respectivas estéticas, percebendo influências culturais de várias ordens e a presença da cultura oral. O quando e como trabalhar os vários tipos de música levados para a sala de aula vai depender das opções feitas pelo professor, tendo em vista os alunos, suas vivências e o meio ambiente, e vai depender da bagagem que ele traz consigo: vai depender de seu “saber música” e “saber ser professor de música”.

Todas essas e outras formas de levar a música até a escola cabem principalmente às aulas de arte.

4 O ENSINO DA ARTE

A arte está presente desde o aparecimento do ser humano – onde as manifestações eram feitas de diferentes formas, mesmo de maneira intuitiva – até nos dias de hoje em que podemos apreciá-las de diferentes formas.

A arte aparece em todos os povos, de todos os continentes, em todas as épocas! A arte é a necessidade humana de se expressar, de se comunicar com seu(s) deus(es), com seus semelhantes, consigo mesmo, criar e mostrar seus mundos, mas seu desenvolvimento, como arte, depende da sociedade, do ambiente no qual o sujeito sonhante está imerso. (FERREIRA, 2004, p. 80).

A arte, desde os primórdios da humanidade, sempre teve uma função fundamental no cotidiano por isso “as reflexões sobre o ensino de Artes nos levam à consideração de que a Arte é à base da vida, sem ela o homem não vive, pois ela está presente em todos os momentos existenciais do ser humano [...] afirma Corrêa (2004, p. 07). A educação em arte nos faz desenvolver o pensamento, expressar nossas emoções, conhecer diversas culturas e também construir nossas histórias.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentidos às experiências das pessoas: por meio dele o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve basicamente, fazer trabalho artístico, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (BRASIL, 2001, p. 15).

No entanto, a definição da arte varia de pessoa para pessoa sendo que, cada um tem seu próprio conceito sobre ela e a vê de uma maneira que varia de cultura para cultura, nas diferentes etnias e espaços geográficos como os grandes centros urbanos e as pequenas localidades das zonas rurais.

Conforme nos fala Queiroz (2000, p. 19):

A arte verdadeira não tem por finalidade agradar às pessoas, mas utiliza-se de relação sensorial, no mais das vezes agradável, para transmitir algo, e quanto mais verdadeiro e significativo o que transmitir, e quanto mais simpaticamente afetar a sensorialidade humana, maior será a arte.

A arte desempenha um papel importante na educação das crianças. Quando elas desenham, fazem uma escultura, dramatizam uma situação, contam uma história e realizam jogos, revelam em muitos casos a si mesma, mostram-se

como se sentem, pensam e vêem. Para Fusari e Ferraz (2010, p. 22), a presença de diversas linguagens da arte na escola é importante porque “a disciplina Arte deverá garantir que os alunos conheçam e vivenciem aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos em música, artes visuais, desenho, teatro, dança, artes audiovisuais”. Hoje vivemos em uma sociedade contemporânea, em que a arte e a educação estão interligadas, inclusive valorizam o que o aluno pode trazer através de seus conhecimentos anteriores e que possa compartilhar com seus colegas e professores.

Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. (BARBOSA, 1999, p. 04).

O ensino da arte na educação básica nesses últimos anos tem sofrido transformações significativas. Hoje, faz-se necessário que o professor organize um trabalho consistente, através de atividades como: ver, ouvir, mover, sentir, perceber, pensar, descobrir, fazer e expressar a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando-os e transformando-os. Trabalhando diversas linguagens da arte possibilitamos ao aluno novos conhecimentos.

Segundo Ferreira (2004, p. 15):

[...] o motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da educação básica é que elas são parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer. As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos.

O ensino da arte nas escolas deve ser desenvolvido por meio das diferentes linguagens artísticas, disponibilizando várias experiências bem como diversidade nas atividades. Segundo os PCN (1997, p. 21):

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos a sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

Nesse sentido, os documentos norteadores da educação brasileira como os Parâmetros Curriculares Nacionais – já citados neste estudo – e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio reforçam as recomendações sobre o ensino da

arte, reafirmando sua importância para a formação de um sujeito. De outro lado, vários estudiosos da educação e da arte defendem cada vez mais um ensino da arte de qualidade na educação básica, para todos.

Segundo Pillotto (2008, p. 36):

[...] é fundamental que se oportunize aos alunos o estudo de imagens, obras e objetos das tradições populares, pois, caso contrário, estamos fadados a olhar num único sentido; o olhar ocidental, branco, erudito e masculino. Também nessa perspectiva pós-moderna não há como priorizar apenas a forma de artes mais recente ou dita contemporânea.

Pillotto (2008) aponta para a diversidade cultural na escola, em concordância com o que determina a LDB n. 9.394/96, em seu artigo 26-A:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, tornam-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. [...] § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

Dessa forma, o ensino da arte está cada vez mais presente no espaço escolar, proporcionando aos alunos novos saberes, no entanto muitos professores de Arte ainda encontram dificuldades para desenvolver suas aulas contemplando todas essas necessidades. Nessa direção, a Proposta Curricular de Santa Catarina orienta:

Os conteúdos a serem abordados deverão contemplar uma postura interdisciplinar e devem corresponder às linguagens visual, cênica e musical. Isto significa dizer que o professor de Arte terá, como ponto de partida no seu planejamento, a linguagem específica de sua formação. Entretanto, as outras linguagens enriquecem as possibilidades de criação e produção. Contudo, ao transitar por outras linguagens, o professor necessitará selecionar os conteúdos de maneira sensata para que eles não fiquem fragmentados e distantes do objeto de estudo, evitando, assim, um encaminhamento polivalente ao invés de interdisciplinar. (SANTA CATARINA, 1998, p.189).

Partindo dessa orientação podemos compreender que o ensino da arte deve se dar com a relação entre linguagens da arte, que são textos produzidos em diferentes contextos e nesse sentido faz-se necessário refletir que “[...] a idéia de texto [...] não se restringe ao texto verbal; [...] podemos considerar como texto um balé, uma instalação, uma música, uma escultura. Texto é a unidade de análise” (OLIVEIRA, 2008, p. 76).

A música é uma das linguagens da arte, sendo que, nos últimos anos seu ensino se tornou obrigatório nas instituições de educação básica, efetivamente a partir de 2011. Mas quais serão as metodologias já desenvolvidas para esse ensinamento em nosso país?

5 EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO DA MÚSICA NA ESCOLA

Pesquisar é uma das maneiras que utilizamos para nos apropriar do conhecimento. A pesquisa nos torna mais criativos, pois além do conhecimento que gera, ela ainda nos faz pensar naquilo que pesquisamos. Este estudo, intitulado *'Diferentes metodologias para se aprender a música na escola'* traz como problema: De acordo com experiências publicadas em sites, livros e artigos, quais as metodologias já desenvolvidas para se aprender a música na escola? Tem como objetivo geral identificar e selecionar algumas metodologias que estão sendo desenvolvidas ao ensinar a música nas escolas em nosso país e como objetivos específicos refletir e analisar essas metodologias a partir das determinações sobre a obrigatoriedade da música na escola.

Este estudo insere-se na linha de pesquisa Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais e caracteriza-se como uma pesquisa básica com abordagem qualitativa na análise dos dados coletados.

Segundo Jung (2004, p. 149) esse tipo de pesquisa “[...] têm por objetivo a aquisição e geração de dados fundamentais” e pode trazer “[...] uma explicação para comportamentos e atitudes e pode ser completada com variáveis, construções e hipóteses (CRESWELL, 2007, p. 141).

Essa abordagem não traz um resultado mensurável, pois a sua realidade não pode ser traduzida em números reais. Dessa forma procurei obter “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses [...]” (GIL, 2002, p. 41), desenvolvendo uma pesquisa exploratória dentro dos procedimentos de pesquisa bibliográfica pesquisando em sites, livros e artigos científicos.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisa bibliográfica. (GIL, 2002, p. 44).

Nesta investigação, a primeira experiência selecionada para a minha a pesquisa (Anexo A) foi realizada em Natal – RN, pela professora Elba Rosa Cavalcante de Vasconcelos e intitulada *“Brincando com sons”*. Para a realização

dessas atividades a professora Elba necessitou de duas aulas com duração de 40 minutos cada, em uma turma de Educação infantil. A experiência foi dividida em quatro momentos.

Primeiramente a professora propõe um passeio pela escola e durante o passeio os alunos devem tentar identificar quais os sons escutam e em quais espaços estão esses sons. Em seguida já de volta à sala de aula, a professora fez uma lista com a ajuda dos alunos anotando os sons e o que os produziam; feito isso então os alunos desenharam os objetos, pessoas e animais que produziam esses sons. Após o desenho concluído a professora pode ouvir com os alunos um CD com diferentes tipos de sons gravados (telefone, pássaros, carros, sons da natureza...).

Essa etapa da atividade remete ao que dizem Chiqueto e Araldi (2008, p. 5) quando consideram “de fundamental importância apontar a música como uma dimensão do ser humano ao utilizar os sons presentes no cotidiano como elementos educativos”.

Em um segundo momento, em círculo, a professora propôs aos alunos que produzissem sons com diferentes partes do corpo, todos juntos. Após essa introdução, pediu que um aluno fizesse um som com o corpo para que todos repetissem e assim sucessivamente até que todos tivessem criado o seu modo de expressão.

No terceiro momento a professora conversou com os alunos sobre os diferentes estilos de música que cada um gosta e colocou uma música clássica para eles ouvirem. No final da música fez questionamentos, como: conheciam o compositor? Que ritmo a música tinha? Qual o nome se daria a essa música?

Nessa direção observamos que os alunos devem vivenciar a experimentação de diferentes manifestações e ampliar seus repertórios como nos diz Ferreira (2001, p. 88) “o ensino musical deve oferecer aos estudantes a oportunidade de experimentar diversas manifestações de inúmeras culturas, diferentes repertórios.”

Para finalizar a etapa, a professora mostrou alguns instrumentos musicais que levou para a turma manusear e propôs a confecção de alguns instrumentos musicais. Para a finalização da experiência “*Brincando com os sons*” sugeriu que as crianças poderiam criar coreografias de movimentos, utilizando os instrumentos

confeccionados e até os sons do próprio corpo. Com esse desenvolvimento das atividades os alunos tiveram o prazer em aprender a identificar sons do cotidiano, sons do próprio corpo, identificar sons de diferentes instrumentos musicais e também confeccionar objetos sonoros.

Pesquisando no site da Nova Escola encontrei a atividade da professora Marisa Szpigel (Anexo B) arte e educadora de São Paulo com o nome “*Os sons do cotidiano*” que se divide em três etapas, sendo que foram necessário quatro meses para finalizar a experiência. A atividade foi realizada com uma turma de 1º e 2º ano.

O objetivo da atividade é desenvolver a acuidade auditiva nas crianças e colocá-las em contato com o sistema de produção de sons. Os conteúdos trabalhados foram a escuta dos sons do cotidiano (inclusive o silêncio), conceitos musicais (timbre, altura, duração, intensidade e ritmo), funcionamento dos instrumentos musicais e mecanismo de propagação sonora e acústica dos materiais. Foram utilizados rádio e gravador de som, instrumentos musicais, caixas de papelão, pedras, conchas, talheres, pregos, tubos de papelão, bambu, garrafas de vidro e garrações de água.

A experiência foi dividida em três etapas sendo que inicialmente foram reservadas duas aulas para as crianças ouvirem atentamente sons de diferentes locais dentro da escola (sala, cozinha, pátio e outros) e fora dela também (ruas movimentadas, parques entre outros). Em outra aula, a professora propôs as crianças que elas transformassem o que ouviram em desenhos ou imitações, isso teve por intenção mostrar onde há sons estridentes, suaves, bonitos, repetitivos, entre outras características.

Em uma segunda etapa a professora utilizou quatro aulas para os alunos investigarem e diferenciarem os sons, para isso tinha em mãos uma boa variedade de materiais sonoros: talheres, pedras, conchas, pedaços de madeira. Os alunos ouviam e em seguida falavam o que tinham ouvido, também classificavam dizendo a altura, a intensidade e a duração, como por exemplo, que som fazia um talher contra o outro? E se alguém batesse mais forte? O que acontecia se fosse feito dentro de uma caixa de papelão?

Dessa forma os alunos puderam aprender sobre os elementos da linguagem musical, tais como: altura, duração, intensidade, timbre entre outros,

partindo dos seus conhecimentos e dos materiais que estão ao seu entorno, como dizem os PCN:

É necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais. Uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que saiba contribuir para a humanização de seus alunos. (BRASIL, 1998, p. 78).

No terceiro e último momento foi o momento de entender um pouco mais o funcionamento dos instrumentos na prática, sendo que para a produção de sons, foi realizada a montagem de chocalhos com latas de metal, arroz, ou pedras, a professora fez a seguinte pergunta em seguida: Qual deles produziu melhor som? Ela relatou ainda que poderiam ser construídos instrumentos simples com materiais de sucatas trazidos de casa. Garrafas de vidro produzem sonoridades conforme a quantidade de água que colocamos dentro. Bambus e tubos podem virar instrumentos de sopro e garrafões de água também podem virar instrumentos.

Essa experiência confirma que o uso de materiais alternativos é muito importante, pois o aluno acaba percebendo que para se aprender música não é preciso de um instrumento musical convencional exclusivamente, mas que existem muitos objetos capazes de produzir som, logo, para se aprender música é preciso de imaginação e criatividade. “A proposta de trabalhar a música com sons alternativos é uma forma inovadora e ao mesmo tempo ousada” (CHIQUETO E ARALDI, 2008, p. 31). Mas isso não quer dizer que o uso dos instrumentos convencionais não seja possível ou que não contribui no aprendizado da linguagem musical; a experiência a seguir nos relata que o uso do instrumento convencional também é importante.

Ainda no site da Nova Escola encontrei a experiência da professora Áudrea da Costa Martins (Anexo C) de São Leopoldo - RS intitulada “*Composição de música aleatória*” realizada com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, totalizando oito aulas. A atividade teve como objetivos conhecer a estética da produção musical moderna e contemporânea, ampliar o repertório e o conceito de música e desenvolver a autonomia para a composição musical. Segundo o relato da experiência, os conteúdos desenvolvidos foram: apreciação, reflexão e composição musical; procedimentos técnicos e estéticos da música de acaso com John Cage (1912-1992). Para a atividade é necessário computador, aparelho de som, músicas

variadas, instrumentos diversos, como flauta, xilofone, metalofone, escaleta, tambor, agogô, chocalho e jogos como dominó, roleta, bingo e dados. Também foram necessários os vídeos das obras: Imaginary Landscape (Anexo D), Suite for Toy Piano (Anexo E) e Sonata V (Anexo F) de John Cage.

A professora Áudrea dividiu a atividade em seis etapas sendo que na primeira delas a professora iniciou perguntando aos alunos o que é música e pedindo para que eles elaborassem uma frase que sintetizasse esse significado, contemplando os diversos estilos. Registrou as definições para contrapor as frases mais restritivas (como exemplos musicais) a fim de propor reflexões reformuladas do conceito.

Em um segundo momento a professora apresentou aos estudantes o compositor norte-americano John Cage e convidou a turma a apreciar a Suit For Toy Piano e a Sonata V. Comentou ainda sobre a estética das peças, como a peculiaridade do som do piano de brinquedo na obra Suite for Toy Piano (Anexo E) e do som do instrumento preparado com parafuso e pregadores na obra da Sonata V (Anexo F). Em seguida separou a turma em grupos e instigou a exploração dos sons inusitados que os instrumentos (flauta doce, xilofone, metalofone, escaleta, tambor, agogô, chocalho) poderiam produzir como o acréscimo de outros objetos ou se tocados de uma maneira não convencional. No final socializaram as descobertas obtidas.

Na terceira etapa a professora apresentou o conceito de acaso da música de John Cage com Imaginary Landscape, música composta por doze rádios ligados ao mesmo tempo, manipulados por doze intérpretes e um maestro, com comandos de volume e de troca de estação definidos pelo compositor. Para compreender a experiência relatada no site foi necessário buscar o conceito de acaso na música. De acordo com Entler (2000, p. 19):

Se buscamos uma síntese, o que todas as suas definições parecem ter em comum, algo que portanto pode lhe definir uma essência, é o fato de que o acaso é sempre denominado a partir da impossibilidade de localizar as determinações de um fenômeno. Daí, outros fatores decorrem: a imprevisibilidade desse fenômeno, a falta de controle sobre ele etc.

Os alunos deveriam identificar os elementos de acaso e as infinitas possibilidades de sons que poderiam soar nos rádios no momento do concerto, ao assistirem o vídeo.

De acordo com as OCEM:

O professor como mediador pode e deve explorar materiais e técnicas que tragam prazer ao aluno. Pesquisar novos materiais suportes, apropriação de elementos do cotidiano e reciclagem, exploração dos recursos das novas tecnologias. Vemos na arte que os artistas do passado usavam apenas materiais tradicionais como tinta sobre tela, enquanto que os artistas modernos e contemporâneos demoliram esses cânones e anexam à arte todo tipo de matérias e suportes, desde os mais rústicos até tecnologia de ponta. (2006, p.185).

Em um quarto momento a professora revelou ao grupo de estudantes que há a possibilidade de fazerem o mesmo utilizando um jogo de memória e instrumentos musicais. Eles deviam criar uma seqüência curta de sons e definir um cartaz para cada uma. A professora embaralhou as peças e convidou os alunos para organizarem as figuras em pares, respeitando a ordem em que aparecessem; propôs ainda que tocassem a música com a base na seqüência sorteada, depois de concluído repetiram o procedimento para comparar os resultados.

Em seguida, foi o momento dos alunos criarem suas próprias seqüências de sons para compor outras músicas. Eles mesmos escolheram o procedimento de acaso. Foi disponibilizado outros jogos, por exemplo, o bingo que foi utilizado para definir os aspectos sonoros da criação, com o sorteio de números pares, escolhiam uma nota aguda para acrescentar à melodia e a cada nota impar uma grave, ou vice-versa. No final da criação as produções foram apresentadas para a classe.

Para finalizar a atividade, na sexta etapa foi organizada uma sessão de gravação das obras elaboradas na etapa anterior. Os estudantes retornaram aos seus registros, gravaram o material e o disponibilizaram em um blog.

Para Zanelatto (2009, p. 19)

a hibridização de modalidades e categorias artísticas da arte contemporânea resulta no uso de diversos materiais alternativos e também de novas tecnologias eletrônicas, que podem proporcionar a experimentação de diversos tipos de sensações, trabalhando os sentidos.

Considero importante essa experiência, pois a professora relatou ainda a possibilidade de trabalhar elementos visuais, expressão corporal, percepção musical, ritmo e as noções de composição com o deficiente auditivo, pois mesmo que ele não pudesse ouvir ele poderia – assim como os demais alunos – ressignificar a palavra música, a professora explicaria a ele o conceito de música aleatória e contextualizaria a obra de John Cage, sendo que se o aluno não

conseguisse fazer a leitura oral facial, a professora deveria utilizar esquemas escritos ou um interprete de libras, sugere o relato.

A professora diz ainda que poderia incentivar para que o aluno com surdez produzisse, junto com seus colegas, ritmos com o próprio corpo ao longo dos jogos de memória, do bingo e das atividades de composição. Ele poderia “batucar” partes do corpo, levantar-se para exprimir um som alto ou abaixar-se para ilustrar um som baixo. Enquanto o aluno produz esses ritmos, os colegas poderiam ajudar transferindo as indicações corporais para instrumentos musicais. Poderiam ainda posicionar o aluno surdo próximo das caixas de som ou de instrumentos percussivos para que ele pudesse perceber as vibrações sonoras. Durante a gravação das composições da turma ele poderia estar visualizando as barras de áudio que apareceriam na tela do computador, pelo software de gravação.

Sobre a inclusão Mantoan (2006, p. 47) explica que:

[...] a inclusão não prevê o uso de praticas de ensino escolar especificas para esta ou aquela deficiência e / ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites, e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um.

É muito interessante e de extrema importância a preocupação da professora Áudrea com a inclusão dos alunos com deficiência auditiva, pois eles têm o mesmo direito de aprender que os alunos ditos normais no ensino regular. Com a inclusão na prática pedagógica os professores possibilitam a todos os alunos um maior conhecimento sobre o conteúdo estudado.

Encontrei ainda a experiência “*Corpos sonoros*” (Anexo G) da professora Teresa Régia Araújo de Medeiros realizada em Natal – RN, onde, com a atividade os alunos descobriram os sons que o corpo e os objetos/instrumentos musicais produzem. Perceberam a necessidade de movimentos dos corpos para produzirem sons. A atividade foi realizada com a educação infantil e teve duração de 50 minutos. Começando a atividade a professora Teresa fez um questionamento perguntando aos alunos: Que tipos de sons podem produzir nosso corpo? Essa ação da professora vai ao encontro da idéia de que envolver o aluno em uma atividade faz com que a aula se torne mais especial e prazerosa. Nesse sentido “o professor é estimulador do olhar crítico dos alunos com relação às formas

produzidas por eles, pelos colegas e pelos artistas e temas estudados, bem como às formas da natureza e das que são produzidas pelas culturas”. (BRASIL, 1998, p. 99).

A partir dessa pergunta ela propôs as crianças que elas caminhassem pela sala mantendo os passos ritmados e que ao escutar a palavra SOM cada um produziria um som com alguma parte do próprio corpo. Em seguida a professora convidou os alunos a formarem uma roda sendo que cada um repetia seu som e todos os outros imitavam.

Após isso, Teresa dividiu a turma em grupos de cinco estudantes e colocou dentro de um saco de pano figuras de partes do corpo (boca, pé, mão, barriga, pernas); cada grupo retirou uma gravura e pensou em diversas possibilidades de produzir diferentes sons com a parte retirada. Em seguida eles socializaram *tocando* para a turma as descobertas de sons que cada parte do corpo fazia e listaram coletivamente as formas de produção de som (Ex: Parte do corpo: Mãos – Movimentos para produzir os sons: Bater as mãos em concha, bater as mãos com a palma bem aberta, esfregar uma mão na outra).

No próximo momento a professora levou para a roda diversos objetos (pedra, pedaços de madeira, garra plástica, colher de metal, jornal, chaves) levou também instrumentos musicais (reco-reco, corneta, tambor, sino, xilofone) pediu então que cada aluno escolhesse um objeto/instrumento e descobrisse os sons que ele poderia produzir.

Logo após ela dividiu a turma em grupos de quatro pessoas, os membros de cada grupo tinham o mesmo objeto ou instrumento. O grupo criou uma seqüência de quatro sons diferentes produzidos pelos mesmos objetos e apresentaram para os demais colegas. Durante a apresentação o grupo explicou como conseguiu aquela seqüência de sons e quais foram as dificuldades e facilidades que teve.

Com essa experiência vemos que incentivar a criação dos alunos em sala de aula é muito importante para o seu aprendizado. Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 54) explicam que: “na linguagem da arte há criação, construção, invenção. O ser humano, através dela, forma, transforma a matéria oferecida pelo mundo da natureza e da cultura em algo significativo.” Em um último momento ela levou para sala um DVD do grupo “Barbatuques” e os alunos apreciaram algumas apresentações (Anexo H) fazendo-nos refletir sobre o fato de que nós, professores,

levando produções artísticas para a sala de aula, estamos de um certo modo, instigando os alunos a conhecerem mais sobre a arte e,

[...] se quisermos contribuir para o desenvolvimento de potencialidades do aluno, devemos planejar e orientar as atividades pedagógicas de maneira a ajudá-lo a aprender a ver, olhar, ouvir, tocar, sentir, comparar o elementos presentes em seu mundo, tanto os da natureza como também as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural. (FERRAZ E FUSARI, 2009, p.31)

Após a apreciação a professora propôs aos alunos que eles criassem uma sequencia de sons com o próprio corpo e mais uma vez em uma grande roda, eles apresentaram a produção sonora e expressaram suas sensações durante a criação, falando de como chegaram a tal resultado. Sobre isso Schmidt (2007, p. 247) afirma que:

Educar esteticamente é também a visão do todo, ao dar caminho para a realização permanente de sínteses perceptivas que sejam, ao mesmo tempo, totalizantes e fundamentalmente abertas, pois estamos sempre em processo de devir, educar esteticamente é saber ainda relacionar a visão das partes com a visão do todo, de forma a se ter o poder ou a capacidade de concebê-los tanto separadamente se necessário, quanto em conjunto.

Realizar momentos como esses, de apreciação estética, nas aulas é muito importante para alcançarmos os objetivos do ensino da arte na educação básica. Nós professores podemos aprender muito com os nossos colegas sendo assim trago um proposta de curso onde será possível a socialização de experiências com a música na escola.

6 PROPOSTA DE CURSO

TÍTULO: Aprendendo diferentes metodologias para ensinar música na sala de aula.

EMENTA: Diferentes metodologias para ensinar a música.

JUSTIFICATIVA:

A Lei 11.769, de 2008, estabelece o aprendizado de conteúdos da música como obrigatoriedade nas salas de aula da educação básica, seja da rede privada ou pública. Com o ensino da música na sala de aula o aluno estará aprendendo uma linguagem da arte bastante importante para o seu desenvolvimento cultural.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 2001, p.19).

No entanto ensinar a música na escola não significa formar um músico profissional, mas sim construir novos caminhos para ouvir música, para produzir músicas e para apreciar. Com isso crianças, adolescentes e jovens estarão aprendendo a valorizar o seu próprio repertório musical e também o repertório musical de seus colegas, além de conhecer o processo criativo dos artistas da música.

Lourenço (2003, p. 219) afirma que: “existe hoje uma diversidade de formas de pensar, lidar e gostar de música, reveladas no cotidiano escolar, que devem ser consideradas na articulação e no entrelaçamento da construção do conhecimento musical”. Dessa forma, busco com esse projeto, oportunizar aos professores de Artes do município de Jacinto Machado uma oficina de aprendizado de novas metodologias para ensinar e aprender música nas aulas de arte.

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar aos professores de arte do município de Jacinto Machado/SC o contato, a experimentação e a reflexão crítica sobre diferentes metodologias que podem ser trabalhadas ao desenvolver a linguagem da música na sala de aula.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Aprender a desenvolver diferentes metodologias sobre a música.
- Analisar e discutir as várias metodologias e suas possibilidades na escola.

METODOLOGIA:**Público Alvo:**

Professores de Arte da Rede Municipal da Cidade de Jacinto Machado/SC.

Proposta de Carga Horária:

Quatro encontros de 04 horas/aula durante o ano escolar, dividido em um [01] encontro por semestre, totalizando 16horas/aula.

Proposta:

A oficina será realizada em uma sala na Secretaria de Educação De Jacinto Machado/SC e no primeiro encontro estudaremos alguns documentos norteadores incluindo a Lei 11.769 sobre a obrigatoriedade de ensinar a música na sala de aula. O segundo encontro será para trocar experiências, ouvir relatos de quem trabalha com a música na escola e quais as metodologias que cada professor desenvolve na sala de aula. No terceiro e quarto encontro socializarei com os professores participantes do curso as metodologias selecionadas para este trabalho

de conclusão de curso oportunizando a reflexão sobre essas possibilidades. A troca de experiências é muito importante para a jornada de um professor.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: A, Secretaria, 2001.

LEI 11.769, DE 18 DE AGOSTO DE 2008. Disponível em:
<http://www.toledo.pr.gov.br/escola/normabelotto/doc/ldb.pdf>
Acesso em: 18 de out. 2013.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O Ensino da Música na Escola Fundamental**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

7 CONCLUSÃO

Ao concretizar esta pesquisa, onde questionava a existência de diferentes metodologias para se aprender a música na sala de aula – através de estudos que aprofundaram conhecimentos sobre a Lei 11.769/2008, o ensino da arte e também sobre a música: uma linguagem da arte – ficou evidente a existência de várias metodologias para ensinar a música na sala de aula.

A pesquisa através de sites disponibilizados pelo meio digital possibilitou ainda mais a ampliação do repertório deste trabalho, onde as informações encontradas foram de extrema relevância para um maior entendimento sobre o assunto.

Em um primeiro momento ao pesquisar sobre a Lei 11.769/2008 que fala sobre a obrigatoriedade da música na escola, ampliei meu entendimento sobre a legislação e também sobre como foi sua inclusão na educação básica. Música é arte e como consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais devem ser inserida nas aulas de arte, ministrada pelos professores de arte.

Durante o estudo, com a contribuição da Lei 11.769/2008, de documentos norteadores e também dos autores o tema tornou-se relevante bem como, a contribuição dos relatos das atividades realizadas em salas de aula, publicadas em sites específicos, acabaram se constituindo um material de estudo contínuo da grande maioria dos professores das escolas básicas, que ainda tem dificuldades para desenvolver metodologias para o ensino e a aprendizagem de conteúdos de música.

Essa contribuição, de uma forma ou de outra beneficia professores em outras escolas e redes de ensino, pois ao serem publicadas em sites se torna mais visível a todos. As vivências e experiências de professores fazem com que seu vocabulário pedagógico torne-se cada vez mais rico, ampliando o repertório de experiências e fazendo com que a aula se torne mais criativa e dinâmica.

Finalizando a pesquisa pude concluir que há vários relatos de experiências sobre metodologias que podem ser desenvolvidas na aula de arte para aprender sobre música, pois é de extrema importância se ter diferentes formas de ensinamento para levar a sala de aula, assim os alunos além de enriquecer seu

repertório ainda aprendem de forma diferenciada e prazerosa. Acredito que todas as linguagens artísticas contribuem para o aprendizado sobre arte dos alunos. Este estudo enfatizou a linguagem da música.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Frank. **Projeto de Lei do Senado Federal nº 2.732, de 2008**. Câmara dos Deputados. Comissão de Educação e Cultura. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=6087C55F93CEAE74BBF21BCA93F11531.node2?codteor=567274&filename=Tramitacao-PL+2732/2008 Acesso em: 13 ago. 2013.

ARALDI, Juciane; CHIQUETO, Marcia Rosane. **Música na Educação Básica: Uma experiência com sons alternativos**. Paraná, 2008/2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2269-8.pdf> Acesso em: 07 ago. 2013.

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. Anos Oitenta e Novos Tempos. São Paulo, Perspectiva S.A, 1999.

BAUMER, Édina Regina. **O ensino da arte na educação básica: as proposições da LDB 9.394/96**. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte, 3. ed. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: A, Secretaria, 2001.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte, 3. ed. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: A, Secretaria, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf> Acesso em: 23 out. 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte, 3. ed. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: A, Secretaria, 1998.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

BRASIL, Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008. Disponível em:
<<http://www.toledo.pr.gov.br/escola/normabelotto/doc/ldb.pdf>>
Acesso em: 03 set. 2013.

BRITO, Teca Alencar de. **O Humano Como Objetivo da Educação Musical: O Pensamento Pedagógico-musical de Hans Joachim Koellreutter**. 2011. Disponível em: <http://www.galileo.edu/esa/files/2011/12/3.-O-HUMANO-COMO-OBJETIVO-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-MUSICAL-Teca-Brito.pdf> Acesso em: 03 set. 2013.

CORRÊA, Ayrton Dutra. (Org.). **Ensino de artes: múltiplos olhares**. Ijuí, Unijuí, 2004.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ENTLER, Ronaldo. **Poéticas do acaso: acidentes e encontros na criação artística**. Universidade de São Paulo Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 2000.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Metodologia do Ensino da Arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001.

_____. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed São Paulo: Atlas, 2002.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia para pesquisa & desenvolvimento:** aplicada a novas tecnologias, produtos e processos. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** 2º Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MARTINS, Miriam Celeste et al. **Didática do ensino de arte a língua do mundo:** Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Relações entre “linguagens”.** Chapecó, Argos, 2008.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e (Orgs.). **Ensaio em torno da arte.** Chapecó: Argos, 2008.

QUEIROZ, Gregório J. Pereira de. **A música compõe o homem, o homem compõe a música.** São Paulo: Cultrix, 2000.

SANTA CATARINA. Secretaria de Educação e do Desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina:** educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares. Florianópolis. Cogen, 1998.

SCHMIDT, Luciana Machado. Para além das dificuldades cotidianas: o desafio da educação estética a partir de situações concretas em sala de aula. ZANELLA, Andréia V.; COSTA, Fabíola Cirimbelli B.; SANDER, Kátia M.; ROSA, Lucilene, ZANATTA, Silvia. **Educação estética e constituição do sujeito:** reflexões em curso (Org.). Florianópolis/SC: NUP/CED/UFSC, 2007, p. 231-250.

ZANELATTO, Tatiane. **O ensino das artes e as possibilidades híbridas da arte contemporânea.** 2009. 72 f. TCC (Curso de Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.

ANEXOS

Anexo A

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20288>

Acessado em: 28 set. 2013.

Anexo B

<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/sequencia-didatica-429819.shtml>

Acessado em: 09 out. 2013.

Anexo C

<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/composicao-musica-aleatoria-568345.shtml>

Acessado em: 17 out. 2013

Anexo D

<http://www.youtube.com/watch?v=5A4kcW1Qnlk&feature=related>

Acessado em: 17 out. 2013

Anexo E

<http://www.youtube.com/watch?v=Ep5fNEeoh74&feature=related>

Acessado em: 17 out. 2013

Anexo F

<http://www.youtube.com/watch?v=VYsx5Di3bso&feature=related>

Acessado em: 17 out. 2013

Anexo G

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25510>

Acessado em: 21 out. 2013

Anexo H

http://www.youtube.com/watch?v=0Q4aj_te-dw

Acessado em: 21 out. 2013.